

<b>Selic</b> Fixado em 21 de junho de 2023 <b>13,75%</b>	<b>Sálário mínimo</b> <b>R\$ 1.320</b>	<b>Dólar \$ Comercial</b> <b>-1,30%</b> <b>R\$ 4,866</b>	<b>Euro € Comercial</b> <b>-0,58%</b> <b>R\$ 5,337</b>	<b>Libra £ Esterlina</b> <b>-0,49%</b> <b>R\$ 6,246</b>
--	---	--	--	---

<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)	
Maior/2023	+0,23
Abril/2023	+0,61
Março/2023	+0,71
Fevereiro/2023	+0,84
Janeiro/2023	+0,53



Foto: Freepik

Volume de negociações imobiliárias no estado, nos primeiros meses do ano, superou os resultados obtidos em igual período de 2022

## RECURSOS DA POUPANÇA

# Financiamento de imóveis cresce mais de 51% na PB

Desempenho do estado difere da situação do país, que obteve retração de 41%

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodrigues@gmail.com

A quantidade de imóveis financiados na Paraíba com recursos das cadernetas do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) cresceu 51,27% em maio (773) deste ano, na comparação com o mesmo mês de 2022 (511). Os dados são da Associação das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip). O desempenho do estado vai na contramão da média brasileira, que registrou retração de 41,8%, com o financiamento de 41,7 mil imóveis.

O número de unidades habitacionais financiadas nas modalidades de aquisição e

construção ainda registrou alta de 52,47% na Paraíba em relação a abril (507) de 2023. Em âmbito nacional, a Abecip constatou ligeira alta de 0,4%.

No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, houve o financiamento de 2.943 imóveis no estado, com recursos da poupança SBPE, o que representa um acréscimo de 16,55% sobre o mesmo período de 2022 (2.525).

Neste ano, a quantidade mensal de financiamentos imobiliário superou 2022 em todos os meses, com exceção de fevereiro, que registrou 623 e 566 imóveis, respectivamente, em 2022 e 2023. O mês de maio liderou na quantidade de imóveis.

O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), Wagner Breckenfeld, afirma que a Paraíba, sobretudo a Região Metropolitana de João Pessoa, está em pleno crescimento, com destaque no Nordeste pela qualidade dos empreendimentos lançados, além da qualidade de vida nas cidades. Ele contextualiza que o aumento da população, constatado pelo Censo, gera uma demanda crescente por imóveis. No país, foram financiados 219,1 mil imóveis com recursos da poupança SBPE, um desempenho 25,2% inferior ao de igual período do ano passado. No acumulado dos últimos 12 meses encerrados em maio

■ No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, quase três mil imóveis foram financiados no estado com recursos da poupança

deste ano, foram financiados 639,3 mil imóveis no Brasil com recursos das cadernetas do SBPE, resultado 22,7% aquém do registrado no acumulado dos 12 meses anteriores.

## Primeira compra aquece mercado no estado

Os financiamentos imobiliários SBPE somaram a quantia de R\$ 144.798.445, na Paraíba, em maio, o que corresponde a um crescimento de 17,58% sobre o mesmo mês de 2022 (R\$ 123.150.113). O resultado nacional foi de R\$ 12,2 bilhões, com queda de 28,3% sobre maio de 2022. Na comparação com abril (R\$ 110.588.409) deste ano, a alta foi de 30,93%. No Brasil, o crescimento foi de 7,3% em relação a abril.

No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, a Paraíba registrou o montante de R\$ 687.739.315, no financiamento imobiliário. Em relação ao mesmo período de 2022, o desempenho foi 21,18% superior. O país movimentou a quantia de R\$ 63,4 bilhões, no período de janeiro a maio deste ano, com diminuição de 9% sobre o ano passado. Nos 12 meses encerrados em maio, o montante fi-

nanciado acumulou R\$ 172,9 bilhões, no país, com queda de 12,5% em relação ao período imediatamente anterior.

Wagner Breckenfeld enfatiza o preço do metro quadrado como fator importante ao crescimento do mercado. "O custo da construção apresentou um aumento significativo durante a pandemia, que influenciou negativamente o mercado. Mas os construtores locais conseguiram segurar os preços para não repassar ao consumidor, e isso contribuiu para não sofrermos tanto com impactos no aumento do valor nos imóveis locais".

O diretor do Conselho Regional de Corretores de Imóveis na Paraíba (Creci-PB), Glauco Moraes, explica que o mercado tem produzido imóveis menores, o que gera aumento de comercialização. No contexto de João Pessoa, ele aponta o crescimento de em-

preendimentos com imóveis de apenas um quarto e flats. "As famílias estão diminuindo de tamanho e instalando-se em imóveis menores".

Ele assinala que, por serem menores, os imóveis têm preços melhores, considerando os valores absolutos. "Contudo, nesses imóveis, o valor do metro quadrado é maior, porque a valorização é bem grande".

### Facilidade de pagamento

O casal Cristiane Moratto e Henrique Ramos adquiriu o primeiro imóvel neste ano, motivado pela facilidade no pagamento. Eles já moravam juntos, pagando aluguel, desde 2020, no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. Ao procurarem um novo imóvel para locação, eles se depararam com a possibilidade de financiamento sem a necessidade de entrada.

"A corretora de imóveis nos apresentou essa possibilidade,

mas não no bairro que queríamos, em Mangabeira, mas no Cuiá. Naquele bairro, era necessário ter um valor de entrada nos imóveis à venda. Nós gostamos do apartamento e fechamos negócio. A Caixa aprovou nosso crédito e a construtora pagou a documentação do imóvel", conta Cristiane.

Ela explica que o custo do financiamento é praticamente o mesmo do aluguel que pagava. "A diferença é que estamos adquirindo um bem imóvel, o que não ocorre na locação. Estou muito feliz", comemora.

Para o presidente do Sinduscon-JP, o grande gargalo ao financiamento é a taxa de juros. "A expectativa é de queda nos próximos meses por parte do Banco Central, e isso nos dá mais ânimo para construir, pois acreditamos que, com a redução, o mercado imobiliário local terá novo impulso nas vendas", diz Breckenfeld.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

### Economia comportamental

Economia não é uma ciência fácil, inclusive para os economistas. Ela não é uma ciência exata e trabalha com os comportamentos da sociedade, que por mais que se apresentem seguindo um padrão ou modelo, os resultados e as consequências serão sempre desconhecidos ou inesperados.

A psicologia diz através do modelo de comportamento cognitivo que as pessoas tendem a seguir um padrão de comportamento. Nessa trilha, eles se veem diante de uma situação, projetam um tipo de pensamento (muitas vezes automaticamente) que impacta na emoção, desencadeando a reação, que é o comportamento. E isso se repete a cada nova situação.

Pois bem, na ciência econômica estudamos os fenômenos e o comportamento da sociedade, em especial, em relação ao consumo (de bens e serviços), seja para satisfação imediata ou para acúmulo de riquezas e patrimônios.

E percebemos que as pessoas sofrem influências externas (situações) que, por tabela, atingem suas emoções, influenciando ou distorcendo também o comportamento do indivíduo. E como ninguém vive só, o comportamento de um pode contaminar o coletivo. Podemos denominar essas influências de vilões. Ou chamarmos de "vilões do consumo", que podem ter efeitos negativos em nossas vidas e no meio ambiente em que vivemos.

Podemos dar vários exemplos de situações que poderiam ser enquadrados nessa categoria de vilões. Mas resolvi fazer uma experiência. Resolvi perguntar a AI (Inteligência Artificial), quais os vilões do consumo. Lembrando que a AI no mundo cibernético trabalha com "repetições" de coisas que são perguntadas, pesquisadas ou visualizadas na internet. Logo, AI também trabalha com comportamentos repetidos.

Ao perguntar quais eram os vilões que faziam as pessoas serem consideradas consumistas, ela me respondeu com uma velocidade estupenda os seguintes pontos:

- Publicidade manipuladora: a publicidade muitas vezes é projetada para nos persuadir a comprar coisas que não precisamos. Ela pode criar desejos artificiais, promover um estilo de vida insustentável e levar as pessoas a gastarem dinheiro em produtos que não trazem benefícios reais.

- Descarte excessivo: vivemos em uma sociedade de consumo descartável, onde muitos produtos são projetados para ter uma vida útil curta.

- Obsolescência programada: alguns fabricantes projetam seus produtos para se tornarem obsoletos em um curto espaço de tempo, forçando os consumidores a comprar novas versões ou modelos.

- Exploração de mão de obra: muitos produtos de consumo são fabricados em países com regulamentações trabalhistas mais fracas, onde os trabalhadores são mal remunerados e têm condições de trabalho precárias.

- Desigualdade social: o consumo excessivo muitas vezes leva a uma maior desigualdade social, uma vez que nem todos têm acesso aos mesmos recursos e oportunidades.

- Impacto ambiental: a produção em larga escala de bens de consumo tem um impacto significativo no meio ambiente. Isso inclui a emissão de gases de efeito estufa, o esgotamento de recursos naturais, a destruição de habitats e a geração de resíduos não biodegradáveis.

- Endividamento: o consumo excessivo pode levar as pessoas a se endividarem para financiar seus hábitos de consumo.

Não sei se o leitor concorda com essas respostas. Eu concordo com boa parte dela, mas acrescentaria outros vilões, como a carência de uma boa educação financeira.

Mas, de toda forma, é importante refletirmos sobre os nossos hábitos de consumo e buscar formas mais conscientes de adquirir e utilizar produtos. Isso inclui comprar apenas o necessário, dar preferência a produtos duráveis e de qualidade, reciclar e reutilizar, além de apoiar empresas e marcas que adotam práticas responsáveis em relação ao meio ambiente e aos direitos trabalhistas. Deixo o texto como uma reflexão.